

económicos. Embora a teoria convencional se tenha agarrado, durante décadas, aos problemas de equilíbrio, a verdade é que a economia evolui em desequilíbrio através de processos dinâmicos de destruição criativa, tal como Shumpeter tão bem demonstrou. Os autores prosseguem, de seguida, para o estudo da desigualdade, baseando-o na discussão de uma das questões mais polémicas no debate económico: a existência (ou não) de conflito entre eficiência e equidade.

O último capítulo, significativamente intitulado 'Outras Economias', começa com algumas reflexões sobre as consequências da crise financeira que teve início em 2007. De facto, como é hoje reconhecido por um largo número de autores, foi a arquitetura financeira do sistema económico, ensinada nos melhores departamentos do Economia do mundo que falhou, embora para 'os economistas seria por certo agradável poder pensar que tudo isto (...) foi alheio às prescrições da sua ciência e produto de decisões políticas e arbitrárias. Acontece, no entanto, que não foi assim' (pág. 357). Ao fim e cabo, é a Economia enquanto ciência que está em causa não só porque não preveniu, como participou na criação das condições da crise. Apelando à distinção de Aristóteles entre economia e crematística, os autores defendem a definição de economia como sistema de uso e provisão para a Vida Boa na polis. Por outro lado, 'a economia que se transformou em crematística subordinou o uso e a provisão ao propósito da acumulação de riqueza (ilimitada) de riqueza' (pág. 376). O resultado, tal como Keynes previu quando, segundo as suas palavras, a especulação triunfou sobre o empreendedorismo é, primeiro, o colapso financeiro e, depois, a depressão económica. Assim, em contraposição a uma economia que se rendeu à finança, os autores defendem uma economia sustentável, capaz de garantir a provisão, promover a igualdade e respeitar os limites ambientais.

Quer pela pertinência dos temas escolhidos, quer pela qualidade dos textos produzidos, *Economia(s)* é, na verdade, uma obra inteligente que capacita os leitores e que oferece uma visão da economia como uma ciência viva, aberta ao diálogo e ao debate de ideias. A obra é ainda enriquecida pela qualidade do design gráfico e pela quantidade de material fornecido ao leitor. Inclui caixas com histórias de debates e acontecimentos, biografias dos principais economistas, propostas de leituras complementares no final de cada capítulo e um DVD com material muito diverso, designadamente, textos clássicos e outros sobre assuntos específicos, vídeos, exercícios e apresentações em power point. Trata-se, pois, de um excelente manual que pode contribuir, de forma muito positiva, para a renovação do ensino da economia.

Vasco Almeida

Instituto Superior Miguel Torga

Margarida Pedroso de Lima. 2010. *Envelhecimento(s)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 136pp. ISBN: 978-989-26-0037-6.

Novas composições demográficas das diferentes idades da vida são uma realidade de primeira importância na sociedade europeia, constituindo um dos maiores desafios que a União Europeia terá de enfrentar nos próximos anos. Dois índices, o de juventude e o de envelhecimento, dão-nos conta de avanços expressivos nas idades maduras acompanhados por recuos sucessivos nas idades mais jovens, num contínuo desequilíbrio. Portugal no recenseamento de 2001 viu, pela primeira vez, na sua história censitária as idades avançadas com mais de 65 anos ultrapassarem as idades mais jovens (0-14 anos).

Este livro de Margarida Pedroso de Lima é sobre um dos extremos das ida-

des, as mais avançadas. O livro, significativamente intitulado *Envelhecimento(s)*, é organizado a partir de três categorias: *Construções, Significados e Delimitações; Esboços de Caracterização: Como Somos, Como Vivemos; e Como Viver, Simplesmente*. O interessante, neste pequeno volume 17x12, é que estas três categorias ‘sintetizam algumas das principais dúvidas, questões e crenças sobre o envelhecimento’ (p. 7). A autora aborda esta realidade ao longo de um conjunto de questões de aparente simplicidade, a partir da perspectiva denominada de *psicologia do ciclo de vida* ou *desenvolvimento coextensivo à duração da vida*.

A primeira categoria, *Construções, Significados e Delimitações*, responde às seguintes questões 1. Que é envelhecer? 2. O envelhecimento fascina todas as pessoas? 3. O meu avô macaense envelhece da mesma forma que o meu pai português? 4. Ser velho é o mesmo para um antropólogo ou para um médico? 5. O que é o *ageism*? 6. Envelhecer é adoecer? 7. Envelhecer é perder e declinar? 8. Podemos evitar envelhecer e morrer? 9. Começamos a envelhecer aos 65 anos? 10. A velhice é uma fase da vida adulta?

As construções sociais sobre o envelhecimento e que implicam significados partilhados e delimitações são, de forma sustentada, desconstruídos com a exploração crítica destas dez interrogações que organizam a primeira categoria. Perguntas aparentemente simples apresentam respostas que desconstroem crenças e preconceitos. Discriminação etária, imprecisões conceptuais e marcadores etários do início de fases de vida são registos associados às idades mais avançadas. Posicionando-se numa abordagem integrativa e interdisciplinar sobre o desenvolvimento humano, Margarida Pedroso de Lima sublinha, recorrentemente, a enorme heterogeneidade interindividual que nos distingue, à medida que envelhecemos. Neste sentido, são múltiplos os caminhos que vamos fazendo quando

nos ‘desenvolvemos’ e esses caminhos, com o avançar da idade, tornam-nos cada vez mais diferentes uns dos outros. Não dar a importância devida à variabilidade *interindividual* e *intraindividual* enfraquece a nossa percepção sobre o processo de envelhecimento. De igual modo, considerar a pura passagem do tempo como a razão das diferenças encontradas é um equívoco, quando se omite a cadeia de mudança individual e social ao longo da vida.

A segunda categoria, *Esboços de Caracterização: Como Somos, Como Vivemos*, apresenta e responde às seguintes questões. 1. Ficamos mais sábios com a idade? 2. Tornamo-nos mais religiosos com a idade? 3. Quem são os nossos amigos na velhice? 4. Os avós fazem sexo? 5. O que acontece ao avô se a avó morrer? 6. Sentimo-nos mais sozinhos na velhice? Todos os avós são resmungões? 8. Reforma compulsiva? 9. ‘Burro velho não aprende línguas’? 10. Mais idade, menos inteligência? 11. Onde deixei os meus óculos? 12. E quando os meus avós não se lembrarem de mim?

Neste ponto do livro, a abordagem crítica é orientada para *como somos* e *como vivemos* na velhice. A autora obriga-nos a descentrar, a colocarmo-nos do ponto de vista do outro, a tomar consciência do contraditório, do paradoxal das velhices que obrigatoriamente temos que pluralizar ao caracterizar.

A terceira categoria, *Como Viver, Simplesmente*, procura responder às seguintes perguntas 1. Envelhecer, que desafios sociais? 2. Institucionalização, sim ou não? 3. Posso acabar com a calvície? 4. Que é o paradoxo do bem-estar? 5. Como promover o bem-estar? 6. Envelhecer, que desafios pessoais?

A argumentação da autora, na resposta a estas questões, é a necessidade de retirarmos sentido e partido dos recursos que temos, compreendendo a relação intrínseca ou ‘simples’ entre as possibilidades e os limites da vida de cada um, do ponto de vista da compreensão da

própria vida, determinação e tomada de decisões.

Um destes desafios conceitualmente simples, mas complexo na prática, nas palavras de Margarida Pedroso de Lima, é promover a qualidade de vida dos adultos mais velhos, qualidade essa que se associa a muitos tópicos entre os quais o espaço. Quando falamos sobre os mais velhos a ênfase é colocada, frequentemente, no tempo biográfico e socialmente determinado. No entanto, investigações relevantes realizadas com pessoas idosas demonstram que a referência aos espaços e aos lugares é essencial, uma vez que a interdependência entre o envelhecimento e o ambiente é crucial. Neste sentido, viver em instituições ou em casa são possibilidades que devem ser equacionadas, com autoridade, pelos próprios idosos, e em termos da promoção da sua qualidade de vida. Segundo a autora, a qualidade de vida ‘abrange, para além de aspetos circunstanciais e ambientais objetivos (variáveis sociodemográficas, acontecimentos e situações externas como ter água quente e saneamento), dimensões internas a cada pessoa’ (p.111).

Assim, o desafio do envelhecimento não se limita, fundamentalmente, à compreensão do fenómeno, ‘mas é, sobretudo, à possibilidade de participar na sua construção social, em vez de apenas o experienciar como uma realidade natural. Participar implica envolvimento, motivação, alegria. A verdade é que ainda não conhecemos os nossos limites. Baltes já há alguns anos recomendava, para um envelhecimento bem sucedido: um estilo de vida saudável, para diminuir a probabilidade de condições patológicas; evitar as soluções simplistas, dada a considerável heterogeneidade, direção e diversidade de formas de envelhecer; aumentar a nossa reserva pessoal através da educação, da motivação, do aumento das nossas redes sociais; fomentar ambientes e contextos proativos e desenvolvimentistas. Em suma, promover o bem-estar

dos mais velhos implica uma sociedade com mais esforços disponíveis e com maior número de escolhas possíveis – envelhecimento(s)’ (pp. 130-131).

O que está em causa, neste livro, em diferentes cenários e questões levantadas sobre envelhecimento(s), é a ênfase na diversidade do envelhecimento e da pluralidade dessa experiência na interseção entre o crescimento da complexidade na sociedade de hoje, a disseminação de novas formas de identidade e a questão, em última instância, da individualidade do indivíduo, sua história e o seu lugar no mundo.

Fernanda Daniel

Instituto Superior Miguel Torga

Fiona Williams. 2010. *Repensar as Famílias*. Cascais: Principia. 144pp. ISBN 978-989-81-3154-6.

O livro *Repensar as Famílias* centra-se numa reflexão em torno das mudanças nas famílias britânicas nos últimos trinta anos, apontando uma maior diversidade de estruturas e modelos familiares na contemporaneidade. A obra deve o título ao sentimento de que se torna urgente ‘a criação de um novo modelo para se pensar as famílias, as relações e os cuidados’ (p.19), assumindo claramente um caráter propositivo através do desenvolvimento de ‘ideias para uma “ética do cuidar” aplicada na política, para ajudar os decisores, os profissionais e as organizações de solidariedade social, assim como outros investigadores, na sua reflexão sobre as políticas e as prioridades’ (p.21).

A publicação resulta de um trabalho colaborativo do ESRC Research Group on Care, Values and the Future of Welfare (CAVA) da Universidade de Leeds. Apresenta cinco capítulos, sendo os dois primeiros dedicados à análise do contexto, os dois seguintes à apresentação dos re-